

RUA BASÍLIO DE MAGALHÃES

Lei nº 2483 de 29-04-1961

Formada pela rua 25 do Parque Taquaral

Início na rua Pascoal Notte

Término na rua João Chati

Parque Taquaral

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Miguel

Vicente Cury.

BASÍLIO DE MAGALHÃES

Basilio de Magalhães nasceu em São João Del Rei, MG, a 14-06-1874 e faleceu em Lambarí, MG, a 14-12-1957. De origem humilde, exerceu na infância a profissão de tipógrafo. Fez o curso secundário na Escola de Minas, de Ouro Preto, ingressando a seguir na Faculdade de Direito de São Paulo. Formado, não se dedica, de início, à carreira jurídica, passando a exercer o magistério e militar no jornalismo. No jornalismo, iniciou-se aos 15 anos, em sua terra natal, trabalhando na "A Gazeta Mineira", passando depois para a "Pátria Mineira". Quando cursava as Arcadas, trabalhou no "Diário Popular". Em Campinas, escreveu assiduamente em "A Cidade de Campinas", onde manteve polêmicas, inclusive com Henrique de Barcellos, e em 1909, associou-se ao dr. Alberto Sarmento e Arnaldo de Oliveira Barreto e manteve o "Correio de Campinas", além de colaborar efetivamente, em várias revistas, principalmente a do Centro de Ciências, Letras e Artes. No magistério, Basilio de Magalhães foi lente catedrático do "Culto à Ciência", por onze anos, quando foi comissionado junto ao governo de seu Estado, onde se aposentou em 1938. Foi seguidor da filosofia de Augusto Comte e era polígrafo, conhecendo perfeitamente inglês, italiano, espanhol, alemão, sueco, latim, grego e árabe. Historiador, humanista e político, representou seu Estado na Câmara Federal em três legislaturas, tendo exercido ainda, em Minas, o cargo de senador estadual. Sua bibliografia é vastíssima, deixando mais de uma centena de trabalhos em livros, poesias esparsas, discursos e conferências. Foi Diretor Geral da Biblioteca Nacional e pertenceu a inúmeras entidades culturais do Brasil e do exterior, como a Associação Brasileira de Imprensa, Academia Paulista de Letras e Academia Fluminense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e os de quase todos os Estados. Em nossa cidade, Basilio de Magalhães foi vereador à Câmara Municipal, sendo seu Presidente e exerceu por algum tempo o cargo de sub-delegado de Polícia, passando depois a Delegado de Polícia.



LEI N.º 2483, DE 29 DE ABRIL DE 1961.
DA O NOME DE BASILIO DE MAGALHÃES A UMA RUA
DA CIDADE

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Basílio de Magalhães a Rua 25 do loteamento do Parque Taquaral, que tem início na Rua Padre Manuel Bernardes e termina na Rua 10 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 29 de abril de 1961.

MIGUEL VICENTE CURY

PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, aos 29 de abril de 1961.

DR. PLÍNIO DO AMARAL

Respondendo pelo cargo de Diretor
do Departamento do Expediente

Centenário de Basílio de Magalhães

MARIO PIRES

(Palestra proferida na sessão de 2-9-1974,
da Academia Campinense de Letras)

Ocorre este ano, o centenário de nascimento do professor, escritor, poeta, historiador e homem público Basílio de Magalhães, que viveu nada menos de onze anos em Campinas, numa atividade brilhante.

Basílio de Magalhães nasceu na cidade mineira de São João Del Rei, aos 14 de junho de 1874, sendo descendente, pelo lado paterno, do tronco paulista dos Raposos, primitivos fundadores daquela cidade das Gerais, e faleceu em Lambari, também em Minas, em 1957, com 83 anos de idade.

Feitos os estudos secundários em sua cidade natal, graduou-se pela famosa Escola de Minas, de Ouro Preto. Vindo para São Paulo, ingressa na Faculdade de Direito e formado em Ciências Jurídicas, não segue, de início, a carreira. Interessa-lhe mais o magistério e o jornalismo.

Mas, com apenas quinze anos de idade, ele já trabalhava no jornal de sua cidade, "A Gazeta Mineira", passando-se depois, para a "Pátria Mineira", onde colabora intensamente em prosa e verso.

Quando cursava as Arcadas da Paulicéia, Basílio de Magalhães trabalhou no velho "Diário Popular".

Deixando Campinas em 1912, o ilustre mestre é comissionado em São Paulo e colabora concomitantemente, em vários jornais do Rio.

Voltando para seu Estado, Basílio de Magalhães ingressa na política estadual e é eleito Senador da sua província, em 1921 e no ano seguinte, Deputado Federal. mandato que, como os demais membros dos legislativos, perde devido à Revolução de 30, que extinguiu esses cargos eletivos.

A partir de então, dedica-se completamente ao magistério e à pesquisa histórica. Diretor Geral interino da Biblioteca Nacional, de 1917 a 19, Basílio de Magalhães foi dos primeiros a estudar o folclore do Brasil, dando-lhe profundidade e significação erudita.

Profundo conhecedor da obra de Augusto Comte, segue sua filosofia.

Sua bibliografia é vastíssima, tendo um autor relacionado mais de uma centena de trabalhos em livros, poesias esparsas, discursos e conferências. Sua biblioteca constituía-se de cerca de 15 mil volumes. Era poliglota, dominando vários idiomas, como o inglês, o francês, o castelhano, o alemão e outros, bem como línguas mortas.

Pertenceu a inúmeras entidades culturais, como as Academias Paulista e Fluminense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os de Minas e de São Paulo e de quase todos os Estados, além do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em cuja revista publicou muitos trabalhos. Pertenceu, igualmente, à Associação Brasileira de Imprensa.

Mas, vejamos, em rápido bosquejo, sua fulgurante passagem por Campinas.

Em 5 de junho de 1901, o Ginásio "Culto à Ciência" encerrava as inscrições de candidatos às várias cadeiras então vagas, com um total de 51 professores postulantes. Na cadeira de História do Brasil, houve oito inscrições, incluindo nosso biografado.

"Perante a Congregação do Ginásio — diz um autor — achando-se presentes todos os lentes, com exceção do Dr. Eduardo Gê Badaró, tomaram posse no dia 14 de agosto os seguintes concorrentes classificados em 1.º lugar e que haviam sido nomeados por Decreto de 9 do mês: José Stot, inglês; Camilo Vanzoline, italiano; João von Atzingen, alemão; Henrique Augusto Vogel, grego; André Perez y Marin, aritmética e álgebra; Luís Bueno Floria Barbosa, mecânica e astronomia, e Basílio de Magalhães, História do Brasil.

O lente Bento Ferraz saudou, em nome da Congregação, os novos colegas, lembrando a união e a solidariedade como condições essenciais ao progresso da casa de ensino a que vinham prestar sua colaboração. Respondeu o jovem e talentoso recipiendário Basílio de Magalhães que, em oração concisa, afirmou os intuitos dos que ingressavam na grande missão de formar moral e intelectualmente a mocidade.

Nesse mesmo ano, por concurso, igualmente, foi empossado na cadeira de Literatura, o conhecido escritor Henrique Maximiano Coelho Netto. Foi o primeiro grupo de lentes catedráticos do "Culto à Ciência".

Basílio de Magalhães, mercê de sua cultura e, naturalmente, simpatia, representou a Congregação na solenidade de "colação de grau" da segunda turma de "bacharelandos em ciências e letras" no dia 1.º de janeiro de 1902, sessão presidida pelo Diretor Dr. Jorge de Miranda.

"O ilustre catedrático — prossegue a publicação — proferiu belíssimo discurso, saudando os bacharelandos e salientou o importante papel que deveriam desempenhar na sociedade como obreiros inteligentes do progresso da pátria. Que diferença dos tempos de hoje!

Os professores, aprovados em concursos rigorosíssimos, tornavam-se "lentes catedráticos"; o curso ginásial era de seis anos, mas também, os formandos ganhavam o pomposo título de "bacharéis em ciências e letras"! Aliás, com razão, dada a estatura intelectual de seus professores.

Em 1910, a 24 de novembro, o acadêmico Carlos Francisco de Paula, "imortal" da Academia Campinense de Letras, era nomeado também lente catedrático de geometria e trigonometria e quem o saudou foi Basílio de Magalhães.

No dia 14 de setembro de 1912, Basílio de Magalhães foi declarado em comissão na Secretaria do Interior (que naquela época dirigia o ensino, pois não havia ainda a Secretaria da Educação). Terminado esse comissionamento em 30 de abril de 1921, Basílio de Magalhães obteve várias licenças e afinal considerado em comissão junto ao Governo de seu Estado, a partir de 1.º de julho de 1923, para se aposentar em 11 de outubro de 1938.

Durante os onze anos em que se manteve no exercício da cadeira no "Culto à Ciência", o ilustre mestre se impôs à estima de seus colegas e à admiração de seus alunos, reunindo muita competência a apreciáveis qualidades didáticas, no dizer insuspeito de seus ilustres colegas.

Mas, sua atuação em Campinas não se limitou à cátedra do afamado Colégio. Estendeu-se à política e ao jornalismo, que são duas verdadeiras "doenças".

De 1901 a 9, escreveu assiduamente em "A Cidade de Campinas", mantendo algumas polémicas, ficando célebre o duelo jornalístico com Henrique de Barcelos, então diretor do "Comércio de Campinas". Em 1909, associou-se ao Dr. Alberto Sarmiento e ao Professor Arnaldo de Oliveira Barreto e manteve o "Correio de Campinas", o primeiro jornal do interior do Brasil a tirar duas edições diárias: uma matutina e outra vespertina. Em seu jornal, Basílio de Magalhães também encetou outras campanhas, como contra o jogo do bicho, e a favor de Rui Barbosa à Presidência da República.

Colaborou em várias revistas, principalmente na do Centro de Ciências, Letras e Artes. Nesta, publicou no número 20, de dezembro de 1908, "Discurso sobre os sócios falecidos" e "O Cavaleiro e a Flor" (lenda medieval); no n.º 21, março de 1909, "A abóbora e a bolota", poesia; nos números 23/24, de setembro/dezembro de 1909, "Elogio dos sócios falecidos" no n.º 26, de março de 1912, "O estado social dos Tupis"; no n.º 33, de dezembro de 1913 "Primavera", poesia; no n.º 34, março de 1914, "Os Correias de Lemos no século XVIII"; nos n.ºs 35/36, de julho/setembro de 1914, "Diante do mar", poemeto; no n.º 37, dezembro de 1914, "O Monstro", contos para as escolas.

Iniciando-se na carreira política, Basílio de Magalhães exerceu o primeiro mandato como vereador à Câmara Municipal de Campinas, em 1908, tomando parte ativa na campanha civilista de Rui.

Em nossa Câmara exerceu também a presidência. E ocupou outros cargos públicos, como o de sub-delegado de Polícia do Distrito de Conceição, passando a 1.º suplente e logo depois a Delegado de Polícia interino.

A Polícia de Campinas transformou-se, sob a direção de Basílio de Magalhães, disse um jornal paulistano, em verdadeira "Academia". E não era para menos, com os nomes que a compunham, como Raul Soares de Moura, Alberto Faria, Benedicto Octávio e Paulo Lobo.

Por ocasião da inauguração da Escola Normal, naquele tempo, Escola Complementar, no dia 13 de maio de 1903, na presença do Secretário de Estado do Interior e outras altas autoridades, as alunas entoaram pela primeira vez o Hino da Escola.

Basílio de Magalhães, que também era poeta, compôs a letra, sendo a música de autoria de Antônio Lobo.

O ilustre mestre estava, pois, inteiramente integrado na vida social e intelectual de Campinas.

Poderíamos nos estender muito mais, não só sobre a brilhante permanência de Basílio de Magalhães em nossa cidade, como sobre sua extensíssima bibliografia, em que se destacam as obras "Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII", editada em 1915, e "O Café na História, no Folclore e nas Belas-Artes", em 1937.

Mas, deixaremos para um trabalho de fôlego que pretendemos publicar, com pormenores de sua ação política, jornalística e no magistério campineiro.

Basílio de Magalhães é um nome, pois, dos mais destacados de Campinas, e neste ano de seu centenário, deve merecer as homenagens principalmente das entidades às quais emprestou o brilho de sua inteligência e de sua cultura.

Bibliografia

1. "Culto à Ciência" (Colégio — Ginásio e Colégio Estadual) — Monografia histórica — Campinas — 1946 — 75 páginas ilustradas — Carlos Francisco de Paula.
2. "Basílio de Magalhães" — Lígeiras notas bio-bibliográficas, coligidas por Tancredo de Barros Paiva, ex-sócio do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas — Rio de Janeiro — 1930 (por gentileza do ilustre amigo museólogo José Nogueira Novaes).
3. Grande Enciclopédia Delta-Larousse — Edição de 1970 — volume 7.
4. "Campinas — Recordações" — Leopoldo Amaral.

(FALECIDO EM LAMBARI (MG) EM 14 DEZEMBRO 1957)

(Extraído do "Diário do Povo", de 12-setembro-1974)

RUA BASÍLIO DE MAGALHÃES

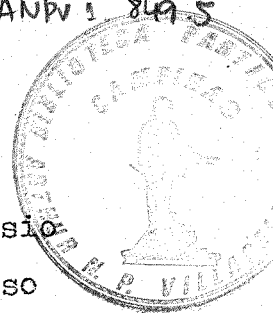
PROFESSOR BASÍLIO DE MAGALHÃES — Faleceu sábado último em Lambari, Minas Gerais, o prof. Basílio de Magalhães. Nascido em São João d'El-Rey, em 14 de junho de 1874, de origem humilde, exerceu, na infância, a profissão de tipógrafo. Surgiu aí certamente sua vocação para o jornalismo e as letras, nas quais alcançaria posição de destaque, como alcançou transferindo-se para São Paulo, cursou a Faculdade de Direito, ao mesmo tempo em que se dedicava ao magistério particular. Mais tarde, conquistou, por concurso, numerosas catedras, entre as quais as de História do Brasil, do Ginásio do Estado, de Campinas e a de História Geral, da Escola Normal do Rio de Janeiro. Historiador, humanista e também político, representou seu Estado na Câmara Federal em três legislaturas, tendo exercido ainda, em Minas, o cargo de senador estadual. Dois livros de sua autoria, entre outros, nos quais se nota a posição de um pesquisador honesto e culto, alcançaram grande êxito: "Expansão Geografia do Brasil" e "Folclore no Brasil". Foi diretor da Biblioteca Nacional e livre-docente da Escola Nacional de Belas Artes. Com a sua morte, abrem-se vagas de membros das Academias Paulista e Fluminense de Letras. O extinto deixa viúva, d.ª Flávia Ribeiro de Magalhães e os seguintes filhos: Augusto Franklin Magalhães, funcionário aposentado do Banco do Brasil; da Beatriz Clotilde de Magalhães e da Eloisa Marina Romeiro, casada com o promotor Jorge Alberto Romeiro, todos residentes em São Paulo. O sepultamento foi realizado em Lambari, no mesmo dia do falecimento, em jazigo oferecido pela Prefeitura local.



FAL. A 14. DEZEMBRO 1957

(Da secção "Necrologia" do jornal "Correio Popular")

RUA BASÍLIO DE MAGALHÃES



Foi lente da cadeira de Historia do Brasil no Ginásio Estadual "Culto à Ciência", conquistada mediante concurso feito com brilhantismo (1901).

Durante os 11 anos de sua permanência em Campinas, Basílio de Magalhães se impôs nos altos círculos literários da terra, graças ao seu talento invulgar.

Foi orador do Centro de Ciências, Letras e Artes e publicou em várias revistas, diversos trabalhos poéticos e, numa delas, encontramos:

"DESENGANO"

Na tua breve boca, onde trebelha
a tentação irresistível, louca,
onde o riso a doidejante abelha
a cavatina sonora espouca;

Eu, em cuja alma um grande amor se espelha
pela beleza, que a razão me apouca,
quis depor um só beijo na vermelha,
na corola aromal da tua boca...

Julgava-me chegado à ansiada meta
de meu destino de inditoso poeta,
de quem só vive pelo coração.

O mel de um sim colher, ávido eu cria...
mas tu, escrava de paixão sombria,
dos teus lábios me deste o fel de um não!

Em 1912, foi declarado em comissão junto à Secretaria do Interior, havendo terminado esse comissionamento em 1921.

Mais tarde recebeu outros, sendo finalmente comissionado junto ao Governo do Estado de Minas Gerais. Aposentou-se em 1938.

(Extraído de fls. 46 e 47 da "Antologia da Poesia Campineira", de autoria de Eimo Goulart, editada em Campinas em 1971).



BASÍLIO DE MAGALHÃES

18-12-

1957 Morre em Lambari, Estado de Minas Gerais, o professor e historiador Basílio de Magalhães, nascido em São João del Rei a 14 de junho de 1874. Começou a vida como tipógrafo, porém, dotado de extraordinária inteligência e adquirindo profunda cultura, passou a exercer o magisterio em Campinas, nesta capital e na Universidade do Distrito Federal. Polígrafo, conhecia perfeitamente inglês, italiano, espanhol, alemão, sueco, latim, grego e árabe era filiado a altas instituições culturais da Argentina, Portugal e Inglaterra, foi deputado e senador, diretor da Biblioteca Nacional e publicou cerca de sessenta volumes de obras de alta cultura, dentre as quais, "Iris" versos, "Expansão Geosul", "A Renascença e a sua floração artística", "O folclore no Brasil" e "Historia do Comercio, Industria e Agricultura".

*

RUA BASÍLIO DE MAGALHÃES

PROFESSOR BASÍLIO DE MAGALHÃES — Faleceu sábado último em Lambari, Minas Gerais, o prof. Basílio de Magalhães. Nascido em São João d'El-Rey, em 14 de junho de 1874, de origem humilde, exerceu, na infância, a profissão de tipógrafo. Surgiu aí certamente sua vocação para o jornalismo e as letras, nas quais alcançaria posição de destaque, como alcançou transferindo-se para São Paulo, cursou a Faculdade de Direito, ao mesmo tempo em que se dedicava ao magistério particular. Mais tarde, conquistou, por concurso, numerosas cadeiras, entre as quais as de História do Brasil, do Ginásio do Estado, de Campinas e a de História Geral, da Escola Normal do Rio de Janeiro. Historiador, humanista e também político, representou seu Estado na Câmara Federal em três legislaturas, tendo exercido ainda, em Minas, o cargo de senador estadual. Dois livros de sua autoria, entre outros, nos quais se nota a posição de um pesquisador honesto e culto, alcançaram grande êxito: "Expansão Geografia do Brasil" e "Folclore no Brasil". Foi diretor da Biblioteca Nacional e livre-docente da Escola Nacional de Belas Artes. Com a sua morte, abrem-se vagas de membros das Academias Paulista e Fluminense de Letras. O extinto deixa viúva, d.ª Flávia Ribeiro de Magalhães e os seguintes filhos: Augusto Franklin Magalhães, funcionário aposentado do Banco do Brasil; da Beatriz Clotilde de Magalhães e da Eloisa Marina Romeiro, casada com o promotor Jorge Alberto Romeiro, todos residentes em São Paulo. O sepultamento foi realizado em Lambari, no mesmo dia do falecimento, em jazigo oferecido pela Prefeitura local.

RUA BASÍLIO DE MAGALHÃES

Foi lente da cadeira de Historia do Brasil no Ginásio Estadual "Culto à Ciência", conquistada mediante concurso feito com brilhantismo (1901).

Durante os 11 anos de sua permanência em Campinas, Basílio de Magalhães se impôs nos altos círculos literários da terra, graças ao seu talento invulgar.

Foi orador do Centro de Ciências, Letras e Artes e publicou em várias revistas, diversos trabalhos poéticos e, numa delas, encontramos:

"DESENGANO"

Na tua breve boca, onde trebelha
a tentação irresistível, louca,
onde o riso a doidejante abelha
a cavatina sonora espouca;

Eu, em cuja alma um grande amor se espelha
pela beleza, que a razão me apouca,
quis depor um só beijo na vermelha,
na corola aromal da tua boca...

Julgava-me chegado à ansiada meta
do meu destino de inditoso poeta,
de quem só vive pelo coração.

O mel de um sim colher, ávido eu cria...
mas tu, escrava de paixão sombria,
dos teus lábios me deste o fel de um não!

Em 1912, foi declarado em comissão junto à Secretaria do Interior, havendo terminado esse comissionamento em 1921.

Mais tarde recebeu outros, sendo finalmente comissionado junto ao Governo do Estado de Minas Gerais. Aposentou-se em 1938.

(Extraído de fls. 46 e 47 da "Antologia da Poesia Campineira", de autoria de Eino Goulart, editada em Campinas em 1971).